

Inês Botelho

Lugar Falhado

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com



Formada em Pintura, nas Belas Artes, **Inês Botelho** (Lisboa, 1977) tem produzido nos últimos anos trabalhos escultóricos, cuja natureza construtiva e estrutural se aproxima da arquitectura, na definição de geografias e lugares que exploram questões espaciais e sociais. Nesta entrevista falámos com Inês Botelho sobre as obras que apresenta na exposição “Lugar Falhado”, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, em Lisboa, até 9 de Março.

arq./a: Gostava que me falasse do título desta exposição – “Lugar Falhado” – no Pavilhão Branco do Museu da Cidade.

Inês Botelho: A definição de espaço ou de lugar, tal como a vejo ou recrio a partir do meu trabalho, é uma realidade que considera, simultaneamente, dois planos. Por um lado, as características que são

incontornáveis, como a fisicalidade dos objectos, a gravidade, ou seja, essa fatalidade das coisas existirem no mundo e, por outro lado, a concepção mais platónica das ideias, o desenho geométrico das coisas, onde é que elas vão estar colocadas, etc. O título “Lugar Falhado” reforça a consciência dessa fatalidade, desses factos incontornáveis. Depois, em cada uma das peças apresentadas na exposição, isso é trabalhado de forma diferente. Esse equilíbrio entre o lado mais idealizado e a concretização da forma, a maneira como ganha corpo no mundo real, é realizado de maneira diferente em cada uma das peças. Mas existe sempre um conflito, digamos que o espaço e os lugares que existem no mundo são sempre falhados de alguma maneira por causa dessa fatalidade da fisicalidade do mundo, sobretudo da força da gravidade, mas também de outros conceitos universais da física e da geometria.

(à esq.) Inês Botelho, “Unidade de Inabituação”, 2008. Madeira e tinta de água. 720 X 500 X 183 cm. Museu da Cidade / Pavilhão Branco, Piso 1 - Ala esquerda.

(à esq. e em baixo) Inês Botelho, “Unidade de Inabituação”, 2008. Madeira e tinta de água. 720 X 500 X 183 cm. Museu da Cidade / Pavilhão Branco, Piso 0 - Ala esquerda.

arq./a: Apresenta quatro trabalhos nesta exposição. De que forma se complementam?

Inês Botelho: Não os pensei como sendo complementares uns aos outros. A exposição é o resultado do trabalho que tenho estado a desenvolver no último ano e meio. E digo no último ano e meio porque há uma peça que me tem acompanhado ao longo desse tempo, havendo depois outros trabalhos que resultaram de ideias que foram surgindo posteriormente. Achei que todas essas peças em que andava a trabalhar não chocavam entre si, apesar de serem realizadas em diferentes *media*. Mas, de facto, não as pensei de forma complementar.

arq./a: Como refere, apresenta peças produzidas em vários suportes – desenho, escultura, instalação, performance, vídeo. Sendo formada em pintura, e tendo uma prática inscrita no desenho e na escultura, que possibilidades lhe oferecem estes diferentes *media* e como é que relaciona estas obras?

Inês Botelho: Estes desenhos [série “Muro sobre Geografia”] são um pouco diferentes dos trabalhos que realizei anteriormente em desenho e pintura. O meu trabalho de pintura anterior é mais gráfico, está na linha da escultura “Lines & Holders” aqui exposta e que foi realizada com estacas e meios tubos.

Os desenhos – “Muro sobre Geografia” – são quase projectos de escultura, mas nunca poderiam funcionar nesse suporte, já que apresentam paisagens ou territórios muito amplos. Ou seja, só resultariam na representação bidimensional já que não se poderia construir um muro gigante a acompanhar não sei quantas falésias ou a passar por dentro de um lago. Assim o *media* desenho foi escolhido por essa razão, porque existem condicionantes físicas.

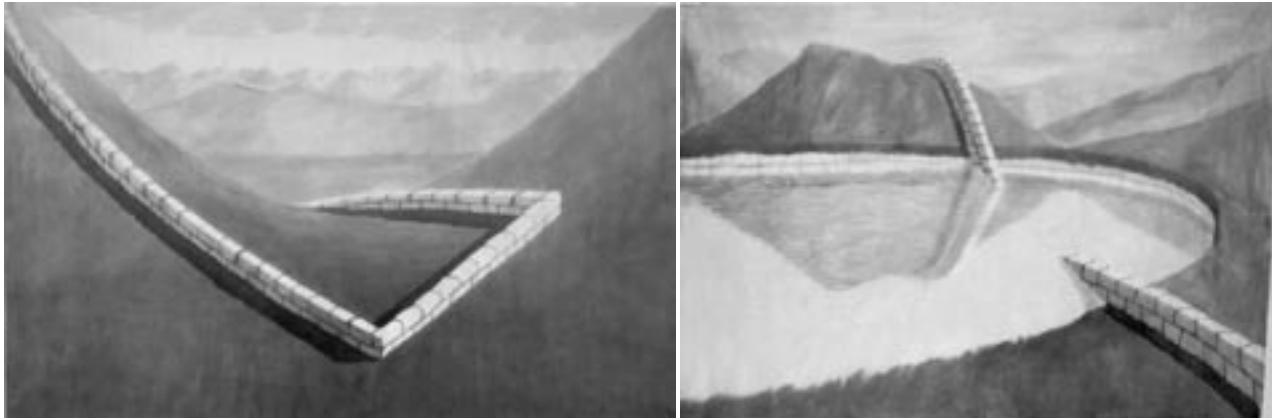
A relação entre as outras peças, para além do fio condutor geral que é a noção de “Lugar Falhado”, prende-se com outros aspectos. Por exemplo, se na acção do vídeo da tenda [“Nomágora”] existe uma relação muito directa entre o que é o espaço e o habitante desse espaço, porque estão lá os dois completamente interdependentes e aquele espaço só funciona com o esforço do seu habitante, nas outras duas peças, em “Unidade de Inabituação” e “Lines & Holders”, existe uma espécie de sugestão do que poderão ser os habitantes daqueles espaços sem que o habitante esteja presente. Ou seja, no caso das linhas feitas em meio tubo de “Lines & Holders”, as estacas que as sustentam têm um carácter personificado. Elas sustentam aquelas linhas de fronteira e de separação,

aliás, a altura a que elas estão barra-nos a passagem à semelhança de uma cerca ou de um muro. E para mim, aquelas estacas têm um carácter personificado, já que funcionam quase como as personagens de “Nomágora”, que seguram a cobertura da tenda.

Na peça que está exposta na ala esquerda do Pavilhão Branco, “Unidade de Inabituação”, que apresenta aqueles espaços interiores feitos por dois painéis encostados na aresta, multiplicados, há uma jogo – a personagem implícita é quem habita cada um daqueles habitáculos. Aquele que está cá em baixo é um indivíduo que está sempre deitado, rasteiro ao chão; o outro, que está acima dele, já pode viver e movimentar-se mais facilmente, pode estar de gatas por exemplo. Estabelece-se uma espécie de hierarquia sócio-espacial, mas que depois se contradiz porque se a parte superior do habitáculo é alta, sendo possível andar de pé, a largura é, ainda assim, muito estreita, produzindo-se uma descompensação nesta dimensão. É como se fosse um triângulo hierárquico de separação mas, no final de contas, o topo é tão desconfortável como a base. Portanto há assim uma implicação dessas personagens, desses habitantes. Eles estão ali implícitos embora não estejam fisicamente presentes na escultura, como acontece na acção que se desenrola na tenda de “Nomágora”. No caso dos muros da série de desenhos “Muro sobre Geografia”, eles também funcionam como uma referência a um eventual proprietário daqueles terrenos que os limitam de uma forma ridicularizante. Quer dizer os muros delimitam propriedades num terreno e as propriedades são privadas, mas aqueles terrenos são tão insólitos... Para quê possuir um terreno que atravessa um lago a meio e em que o próprio muro se afunda no terreno? Ou o outro, que é um muro que está a cair numa falésia... Como é que se habita aquele terreno que é praticamente vertical em relação à linha de terra? Nem o muro poderia estar ali construído ..., mas, uma vez que estamos a falar de desenho, ele pode estar ali e constitui uma brincadeira sobre o absurdo dessa necessidade, neste caso da ideia de posse de terreno ou de espaço, quando aqui nem sequer o espaço pode ser utilizado. Não é habitável, mas essa situação reflecte um pouco como poderá ser a personagem que possui aquele espaço.

arq./a: As suas instalações e esculturas apresentam sempre formas muito elementares, muito simples, sem que haja experiências performativas como a de “Nomágora”, em que a presença do espectador é convocada muito directamente.

Inês Botelho: A escultura tem uma dimensão espacial quase



Inês Botelho, "Muro sobre Geografia", 2007/2008. Série de desenhos a tinta-da-china sobre papel de arroz. Dimensões variadas.

arquitectónica, são peças em que se pode entrar, existindo uma relação muito directa com a escala, com o corpo e com a dimensão das coisas. Para mim essa presença é sempre calculada, mesmo que depois a escala das peças tenha que ser ligeiramente alterada em função das condicionantes físicas dos espaços onde exponho. Mas, mesmo assim, quando as peças são um pouco reduzidas, dão sempre para um corpo médio poder habitá-las.

arq./a: Porém, na peça da tenda a experiência performativa é diferente, já que estará muito mais dependente do comportamento e da reacção dos espectadores?

Inês Botelho: Tenho que corrigir um dado: aquele vídeo funciona por si, e as pessoas que ali estão são figurantes cuja acção foi dirigida. Não se trata portanto de uma *performance* espontânea que acontece na rua, com pessoas a interagirem livremente. Eu já fiz isso com esta peça e essa foi a sua origem, mas encaro-a como uma escultura, embora seja uma escultura que só funciona com o habitante lá dentro pois, caso contrário, é apenas uma tela esticada no chão, morta. Originalmente foi apresentada enquanto *performance* espontânea e tenho alguns registos dessa situação, sendo aí completamente diferente, é uma surpresa permanente, as pessoas falam, dizem coisas. Isso fez parte do processo, mas agora quis fazer este vídeo de uma maneira em que controlo mais as situações e exploro um momento da vida de uma comunidade, que vive naquela condição espacial absurda. Ou seja, em vez de ter o factor surpresa, como aconteceu na apresentação em Madrid e num parque de Brooklyn, em que eu tinha a tenda e as pessoas, mas não sabia se entravam ou se começavam a interagir, neste caso quis fazer uma coisa mais parada, uma coisa mais suspensa no tempo, um pouco mais enigmática, em que aquelas pessoas foram apanhadas ali. E se há pessoas que têm um sentido total do ridículo e que seguram no pau ficando a rir o tempo todo, existem outras que querem assumir uma total responsabilidade e querem ficar ali três horas a segurar a tenda enquanto os outros pelo contrário utilizam o espaço e não seguram nas estacas. Há esse tipo de contrastes. Assim, esta peça é um registo daquela comunidade que vive ali naquelas circunstâncias, sabe-se lá porquê. Fica tudo em aberto, não há um registo do erguer da tenda nem do deixar cair, e vemos aquelas pessoas, eternamente, naquela circunstância. E com um comportamento muito natural vão distribuindo entre si o esforço de sustentar aquele espaço ao longo do tempo, podendo este ser um tempo eterno.

arq./a: Falou do seu interesse pela noção de fronteira. Pode explicar melhor a exploração desse conceito no seu trabalho? Essa fronteira tem uma representação espacial e social?

Inês Botelho: Eu não gosto de fronteiras, eu não gosto do que as fronteiras representam por elas dividirem e serem elementos que separam as realidades. Não gosto de separações intransponíveis, mas gosto de sugerir separações, de sugerir composições, porque uma linha de fronteira também pode ser uma linha abstracta que vai de um lado ao outro do papel. Um risco preto que vai de um lado ao outro do papel pode ser um caso de pesquisa para uma semana de trabalho de composição, em que se tenta perceber como se poderá fazer. E isso é formal, e não é formal. Não é formal porque uma linha é uma divisão, que divide um infinito para a direita e um infinito para a esquerda, e isso não é formal, é muito mais poético do que isso. Tudo o que é da ordem da composição, implica essa ideia de fronteira, de linhas de fronteira. Acho que é disso que eu gosto, dessa ideia de linha que é simultaneamente aquilo que é mais formal e, ao mesmo tempo, poético e mais anti-formal.

arq./a: Por outro lado, porque é que lhe interessou explorar a noção de hierarquia e a tensão entre posições na peça "Unidade de Inabituação". De que forma explora essas situações?

Inês Botelho: A ideia de hierarquia é algo que está presente em qualquer sistema, em qualquer estrutura, e há sempre um jogo de forças que se estabelece de uma forma sequencial ou hierárquica. Apresentar uma hierarquia ou apresentar uma estrutura ou um sistema pode ser uma maneira de subverter a ideia de hierarquia. Do ponto de vista sócio-político, as hierarquias são, de uma maneira geral, coisas injustas. Por exemplo, na peça "Unidade de Inabituação" a hierarquia que se apresenta ali é uma contradição do que é uma hierarquia. É uma subversão do conceito de hierarquia, neste caso de uma hierarquia sócio-espacial. Aqueles habitáculos são todos inabitáveis, mas apontam para uma espécie de solução. No entanto, a solução do topo, que é supostamente onde está o plano superior da hierarquia, por excelência a situação mais privilegiada da hierarquia, é tão boa ou tão má como a da base dessa hierarquia. Portanto a utilização da hierarquia funciona um pouco à semelhança da utilização do conceito de fronteira. São conceitos que existem no mundo e que são intransponíveis, mas, se se subvertem e se forem satirizados, dão-nos a ideia de que existe a possibilidade de serem destruídos e a possibilidade de se contrariar o lado mais factual e

(à dir. e em baixo) Inês Botelho, "Lines & Holders", 2008. Ferro e tinta de esmalte. 372 X 751 X 747cm. Museu da Cidade / Pavilhão Branco, Piso 1 – Ala direita.



mais fatal, a que eu me referia em relação às questões espaciais que não são alteráveis, como é a força de gravidade. A força da gravidade é uma lei que existe e que não pode ser contrariada, e as de hierarquia e de de fronteira também, mas estas já são possíveis de ser contrariadas. É como se houvesse uma escala ou até uma hierarquia entre as coisas que são contrariáveis e as que não são. Mas ao pô-las lado a lado, ao colocar na parede, por exemplo em "Lines & Holders", aquelas canas sustentadas por estacas, que são no fundo fronteiras ou duas cercas que se cruzam, a subir uma parede, como se aquelas estacas não sofressem a força da gravidade e pudessem estar de pé num plano perpendicular ao chão, ao contrariar a força da gravidade, também posso contrariar outras ideias como as de linha de fronteira. Porque aquilo são linhas de fronteira, mas funcionam para

além disso. Aquelas fronteiras são muito mais intransponíveis que as linhas em que se pode passar por baixo ou por cima. A ideia de fronteira, a ideia de hierarquia ou a de força de gravidade são universais a qualquer sistema ou a qualquer estrutura. O seu trabalho está aqui e o meu está ali, há sempre uma separação entre as realidades para que elas funcionem, mas também podemos subverter isso e criar um sistema novo, brincar e mostrar isto como uma regra intransponível e depois sugerir que ela pode ser virada do avesso. É no fundo dizer que o mundo pode ser transformado.

arq./a: Noutras peças nota-se muito a sua aproximação à arquitectura. Queria que me falasses disso. Concebeu as peças especificamente para este espaço?





Inês Botelho, "Nomágora", 2008. Vídeo, HDV, PAL, 16:9, cor, som, 5'20" loop. Museu da Cidade / Pavilhão Branco, Piso 0 – Ala direita.

Inês Botelho: Eu já conhecia este espaço e quando apresentei o projecto adaptei os trabalhos que estava a desenvolver a este lugar. Entretanto, como o período que mediou a apresentação do projecto e a sua aceitação foi um pouco demorado, fiz algumas alterações, já que as peças em que estava a trabalhar, na altura da apresentação não eram as mesmas da altura em que decorreu a confirmação para a realização da exposição. A relação com a arquitectura não está relacionada com a arquitectura do espaço onde as peças se vão inserir, é antes uma relação intrínseca ao próprio trabalho. É claro que em termos compositivos se pensa na sua integração no espaço, na escala que ela deve ter para o espaço envolvente respirar, para as pessoas se movimentarem, para ficar bem integrada, etc. Mas é mais um considerar compositivo do que outra coisa. Possivelmente, um outro tipo de espaço, carregado com outro tipo de referências, contaminaria mais os conteúdos das peças, mas neste caso não.

arq./a: Estava a pensar por exemplo na solução que encontrou para a peça "Unidade de Inabituação", que ocupa os dois andares do Pavilhão Branco?

Inês Botelho: Essa peça existia como projecto sem trespassar de um piso ao outro. E, quando foi pensada para este pavilhão, essa solução de colocar a parte do topo da peça no piso de cima foi óbvia, porque a peça consegue ver-se de fora do pavilhão, com os dois andares em simultâneo, por causa daquelas janelas. Mas, se não existissem aquelas janelas, talvez não fosse essa a solução... Ou talvez tivesse sido pelo facto de haver dois pisos iguais, em termos de planta, e a descoberta do complemento da peça poder fazer-se apenas desde o interior do pavilhão.

arq./a: Nessa peça também se evidencia o jogo de equilíbrios que desenvolve entre os elementos e os materiais das suas peças? Como é que elas são construídas?

Inês Botelho: Elas são construídas de modo a pensar-se que os elementos estão só assentes uns nos outros. Mas têm que haver outras soluções. Porém, estão escondidas.

arq./a: Em termos de formação qual foi o seu percurso? Licenciou-se em Pintura, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, e continuou a estudar noutras instituições? O que é que lhe interessou mais receber?

Inês Botelho: Eu fui à procura de solidez e à procura de conhecer ambientes diferentes de formação. O facto de ter frequentado as Belas Artes, o Ar.Co e depois ter ido para fora, prendeu-se com o seguinte: sentir que, cada vez que terminava uma destas etapas, isso não era suficiente, não me chegava, e o ambiente que tinha sido criado entre colegas também se perdia, no momento em que terminava os cursos.

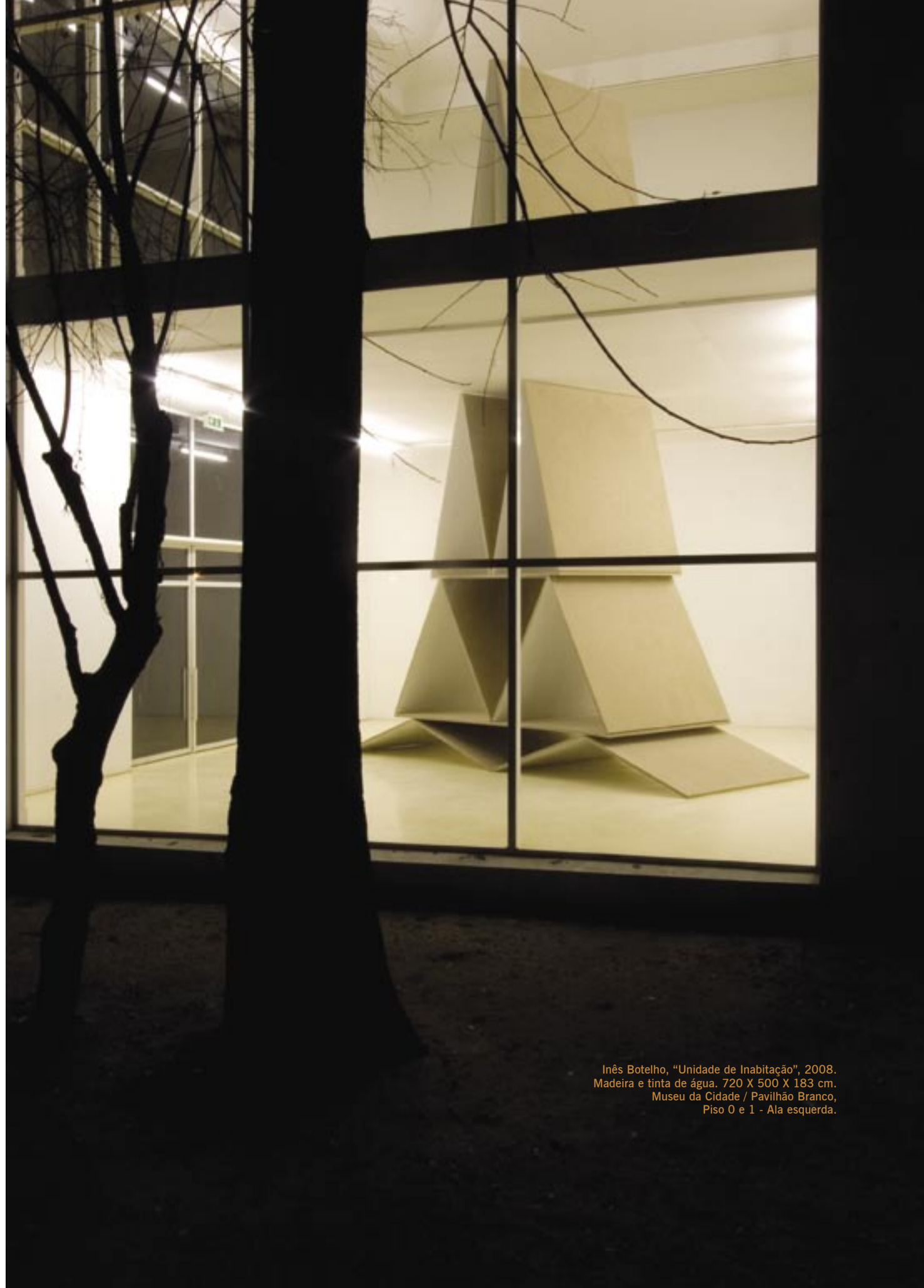
arq./a: Na altura escolheu ingressar em pintura e não em escultura por alguma razão especial?

Inês Botelho: Na altura escolhi pintura. Tinha 18 anos e quando concorri para a faculdade foi essa a escolha porque era aquilo que eu fazia desde miúda. Desenhava e pintava em casa aos fins-de-semana e portanto a minha ideia era ser pintora. Mas penso que essa escolha se deve a uma falha, pelos menos ao nível da experimentação nas três dimensões, e não tanto porque aos 18 anos queria ser pintora. Eu queria ser artista mas, de facto, há sempre muito mais gente a concorrer para o curso de pintura e isso é muito natural, as pessoas sempre desenharam, sempre pintaram.

arq./a: E como é que enveredou para o campo da escultura? Foi pela via da experimentação?

Inês Botelho: A minha pintura tem tido um carácter mais de desenho, mas isso não quer dizer que isso esteja decidido dessa maneira. Agora, o curso de pintura nas Belas Artes é mais aberto do que o curso de escultura. O curso de escultura exige um academismo maior do que o de pintura.

Os alunos do curso de pintura podem experimentar tudo, podem frequentar as oficinas de escultura e podem apresentar peças escultóricas. Existe essa liberdade e os caminhos surgem naturalmente. Mas penso que o desenho foi, sobretudo, a área mais importante. ■



Inês Botelho, "Unidade de Inabituação", 2008.
Madeira e tinta de água. 720 X 500 X 183 cm.
Museu da Cidade / Pavilhão Branco,
Piso 0 e 1 - Ala esquerda.